



ADOLESCÊNCIA: IDENTIDADE E SOFRIMENTO NA CLÍNICA SOCIAL

ISBN 978-85-86736

LEILA SALOMÃO DE LA PLATA CURY TARDIVO
TÂNIA MARIA JOSÉ AIELLO VAISBERG
(Organizadoras)

apoio



**LEILA SALOMÃO DE LA PLATA CURY TARDIVO E
TÂNIA MARIA JOSÉ AIELLO VAISBERG**

**ANAIS DA XI JORNADA APOIAR-
ADOLESCÊNCIA: IDENTIDADE E
SOFRIMENTO NA CLÍNICA SOCIAL**

REALIZAÇÃO

PRÓ REITORIA DE CULTURA E EXTENSÃO

UNIVERSITÁRIA DA USP

INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA USP

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA

**LABORATÓRIO DE SAÚDE MENTAL E PSICOLOGIA
CLÍNICA SOCIAL**

APOIO:

FAPESP

VETOR EDITORA PSICOPEDAGÓGICA

Catálogo na publicação

Biblioteca Dante Moreira Leite

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Jornada APOIAR (11.: 2013: São Paulo)

Anais da XI JORNADA APOIAR: ADOLESCÊNCIA: IDENTIDADE E SOFRIMENTO NA CLÍNICA SOCIAL realizada em 22 de novembro de 2013 em São Paulo, SP, Brasil / organizado por Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo. Tania Maria José Aiello Vaisberg - São Paulo : IP/USP, 2013.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-86736-56-8

1. Psicologia clínica 2. Identidade 3. Adolescência 4. Clínica I.

Título.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-86736-56-8



RC467

**CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE RELAÇÕES ENTRE IDOSOS E
ADOLESCENTES**

Natália Del Ponte de Assis

Fabio Riemenschneider

Tânia Maria José Aiello-Vaisberg

RESUMO

Este texto tem como objetivo expor considerações preliminares sobre relações entre idosos e adolescentes, inserindo-se no contexto de estudos sobre imaginários coletivos relativos à adolescência. Examina estudos que indicam que adolescentes tendem a ser alvo de condutas preconceituosas e comenta pesquisas sobre relações intergeracionais. Finaliza apresentando as noções de preconceito e de imaginários coletivos, segundo a perspectiva da psicologia concreta, tomando-as como recursos conceituais valiosos para a pesquisa qualitativa com método psicanalítico.

Palavras-chave: adolescência, idosos, relações intergeracionais, imaginários coletivos

Tomamos, aqui, como ponto de partida conhecimentos produzidos por pesquisas desenvolvidas no contexto do nosso Grupo de Pesquisa PUC-Campinas/CNPq “Atenção Psicológica Clínica em Instituições: Prevenção e Intervenção”, que convergem no sentido de indicar a vigência de certo preconceito social contra adolescentes. Este quadro nos motivou a propor investigação sobre relação intergeracionais, focalizando o imaginário de pessoas idosas sobre adolescentes, tendo em vista a consideração de que experiência entre diferentes grupos etários podem ser benéficas e enriquecedoras, em termos psicológicos e sociais.

Evidentemente, nosso foco, em relação à adolescência tem sido bastante específico, o que se justifica, dada a importância do fenômeno do preconceito que detectamos. Contudo, devemos lembrar que nossa produção se insere num conjunto muito maior de esforços de importantes pesquisadores brasileiros, que vem estudando a adolescência atual em nosso país. Como exemplo significativo, podemos lembrar os vários trabalhos

de TARDIVO, cuja obra vem sendo pautada em estudos sobre o sofrimento humano (TARDIVO, 2004; 2005; 2007; 2008; 2013). Esta autora tem realizado interessantes investigações relativas à adolescência em diferentes contextos, entre as quais destacamos as que buscam compreender as consequências do processo de aculturação violenta a que jovens indígenas foram submetidos (TARDIVO, 2005; 2007). Esta grande pesquisa foi apresentada inicialmente como tese de livre docência na Universidade de São Paulo (2004), bem como publicada posteriormente sob forma de livro (2007). Também merecem destaque outros estudos em que aborda transtornos emocionais, cognitivos, comportamentais e físicos, desenvolvidos por crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica (BARRIENTOS, MIUTA, GEMMA, ALMEIDA-SILVA, TARDIVO, 2012; TARDIVO, 2013).

ADOLESCÊNCIA: ALVO DE PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO

Temos observado, a partir do conjunto de pesquisas que realizamos, um fenômeno contraditório, que se configura como velada agressão preconceituosa dos adultos contra os adolescentes, que ocorre no plano das interações cotidianas (CAMPS, 2003; AIELLO-VAISBERG, 2005; BARRETO, 2006; CABREIRA et al., 2007; CABREIRA et al., 2007a; MINHOTO, AMBROSIO & AIELLO-VASBERG, 2007; MENCARELLI, BASTIDAS & AIELLO-VAISBERG, 2008; TACHIBANA & AIELLO-VAISBERG, 2008; MONTEZI et al., 2011; PONTES, 2011; e MONTEZI et al., 2013).

Procedendo a levantamento bibliográfico, com vistas a nos atualizar diante do debate contemporâneo sobre a adolescência, encontramos vários estudos que partem de diferentes tradições com perspectivas teóricas e metodológicas igualmente diversificadas. Muitos estudos recentes focalizam adolescentes que se encontram envolvidos em problemáticas preocupantes, que justamente demandam atenção e cuidado por parte da sociedade civil e do estado que, afinal, são responsáveis pelo cuidado daqueles que constituirão as gerações futuras. Devemos aqui lembrar estudos como os de GUILLÉN e NASCIMENTO (2010), GARCIA DEL CASTILLO, DIAS e CASTELAR-PERIM (2012), COSTA, CAMURCA, BRAGA e TATMATSU (2012), que abordam problemas com drogas e álcool. Outros autores tem se dedicado à pesquisa da

importante questão da gravidez precoce, que envolve, evidentemente, tanto o bem estar da adolescente como o do bebê, que como sabemos, necessita ter suas necessidades atendidas por um ambiente suficientemente bom (WINNICOTT, 1983).

Esta questão é importante porque as gestações adolescentes na maioria das vezes ocorrem em contextos de precariedade social, justificando a preocupação dos pesquisadores, tais como OGIDO e SHOR (2012), PARIZ, MENGARDA e FRIZO (2012), PENNA, CARINHANHA, MARTINS e FERNANDES (2012), CAMINHA (2012). Encontramos também investigações que focalizam tentativas de suicídio na adolescência²¹, condutas de risco e transtornos alimentares entre adolescentes, como os de FLORENZANOU, CARCERES, CALDERÓN, SANTANDER, CASSASUS e ASPILAGA (2010), TEIXEIRA-FILHO e MARRETTO (2012), CUNHA e LIMA (2012), GONZAGA (2012), dentre outros.

O exame desta literatura nos convence sobre o seu valor, afinal, a ciência faz sentido quando contribui para a solução de problemas. Deste modo, a focalização das dificuldades e sofrimentos dos adolescentes deve ser valorizada na medida em que pode produzir conhecimento que gere benefícios. Contudo, nos impressionamos pela falta de artigos que abordem as potencialidades e virtudes do adolescente. Se por um lado reconhecemos o valor dos artigos sobre violência, uso de drogas, gestação precoce, suicídio e outras problemáticas, não deixamos de estranhar a ausência de uma visão mais integrada do adolescer. Assim, defrontamo-nos com um quadro interessante: reconhecemos o valor dos artigos que enfatizam a violência, o uso de drogas, a gestação precoce, o suicídio e outras problemáticas, mas não deixamos de estranhar a ausência de artigos, que comporiam este conjunto de modo a não passar a impressão de que a adolescência é nada mais do que um fator de risco, um problema em si mesma. Toda a vitalidade, a potencialidade, o desejo de viver, aprender e realizar parece não ter lugar no conjunto da literatura científica. Destaca-se a vulnerabilidade emocional aumentada, mas não a flexibilidade, a abertura para o novo e a busca de caminhos para o futuro.

²¹ Cabe lembrar que as pesquisas de Tardivo (2004) sobre adolescentes indígenas foi motivada por uma demanda relativa a várias tentativas de suicídio, ocorridas no município de São Gabriel da Cachoeira.

Ainda não fizemos um trabalho sistemático, que pretendemos realizar proximamente, no que tange à mídia. Contudo, nossas observações, até o momento, tem-nos levado à impressão de que praticamente se limitam a apresentar a adolescência como um foco de problemas. Ora, não negamos, de modo algum, que num país do capitalismo periférico, marcado por profundas desigualdades sociais, como o nosso, aqueles que se preparam para entrar numa vida adulta, possivelmente precária, provavelmente apresentarão vários problemas. Entretanto, o silêncio relativo aos aspectos positivos da adolescência não deixa, a nosso ver, de gerar efeitos no sentido de cultivar um imaginário coletivo preconceituoso, segundo o qual o adolescente será, no mínimo, um aborrecimento familiar e social.

Assim, acreditamos que a ausência de pesquisas científicas e de manifestações midiáticas, que focalizem as potencialidades maturacionais dos adolescentes, pode contribuir para alimentar e manter imaginários preconceituosos. O preconceito, quando concebido como conduta, emerge a partir de campos de sentido afetivo-emocional. Surge como manifestações mais ou menos explícitas, mesmo numa época histórica como esta em que vivemos, na qual já vigoram leis que criminalizam manifestações discriminatórias como o racismo e a homofobia. Exemplo de preconceito disfarçado pode ser dado quando estudamos o imaginário de professores sobre crianças adotadas, que aí surgem como vítimas do que denominamos exclusão insidiosa (PONTES, CABRERA, FERREIRA, AIELLO-VAISBERG, 2008).

No que tange especificamente à discriminação contra adolescentes, podemos dizer que, sob uma aparência de interesse e preocupação, pode se esconder o preconceito, eventualmente associado com aflição e desconforto dos adultos, quando se veem diante de jovens capazes poder de ação mesmo se ainda bastante imaturos e inexperientes. Este problema certamente se acentua em circunstâncias históricas como as atuais, durante as quais se pode observar um aumento da violência urbana, ligado a um aprofundamento de desigualdades sociais. Assim, fica robustecido não apenas o medo de que os adolescentes de classe média possam se comportar mal, como o temor de que os mais pobres possam se tornar violentos e delinquentes.

Lembramos que certamente o mal estar do e diante do adolescente interroga a sociedade acerca do tipo de vida que estamos levando, do futuro que pretendemos, do

modo como temos preparado e educado as gerações mais jovens e dos valores que cultivamos. Entretanto, quando os adultos reagem aos questionamentos que o “ser adolescente” coloca por meio de condutas preconceituosas, acabamos por entrar em terreno perigoso, uma vez que campos de sentido afetivo-emocional preconceituosos e paranoides apresentam um caráter psicopatológico que não contribui para o desenvolvimento de modalidades de relações inter-humanas mais respeitadas, éticas e solidárias.

Defendemos que o ser humano não pode ser compreendido como pessoa, se não levarmos em conta as condições concretas de sua vida (BLEGER, 1963; POLITZER, 1928). Por este motivo, adotamos uma postura crítica em relação às diversas possibilidades da passagem da vida infantil para a adulta, levando em conta o contexto sócio histórico e cultural em que o jovem está inserido (CAMPS, 2003; BARUS-MICHEL, 2005; SALLES, 2005; BARRETO, 2006; RESENDE, 2006; PRATTA E SANTOS, 2007; KLEIN, 2008). De acordo com essa vertente teórica, o fenômeno da adolescência é compreendido como uma criação cultural da sociedade ocidental, sendo apenas uma das diversas formas existentes de se lidar com o processo de amadurecimento orgânico para que o sujeito possa ser considerado um adulto.

A sociedade contemporânea é altamente diferenciada, do ponto de vista tecnológico, em relação a períodos anteriores, apresentando características que incidem no modo como o cotidiano é vivido pelas pessoas, tais como imediatismo, aceleração e consumismo (ARÓS; AIELLO VAISBERG, 2009; CAMPS, 2009; BAUMAN, 2004, 2008). Nas sociedades capitalistas periféricas, alinhadas à ordem neoliberal internacional, que aumentam as desigualdades sociais, encontraremos modos locais de vivenciar a adolescência, diretamente afetados pelas configurações econômicas, políticas, culturais e históricas vigentes (AIELLO-VAISBERG; BARUS-MICHEL, 2005).

Sendo assim, enquanto alguns adolescentes gozam de uma proteção familiar e têm chances de pensar em uma profissão com formação universitária, outros, de camadas sociais inferiores, mal conseguem alfabetizar-se de fato, entrando no mercado de trabalho para ocupar, posições subalternas mal remuneradas. Os adolescentes da classe média podem vivenciar a adolescência como uma fase de transformações, sonhos e expectativas, e também inseguranças, dúvidas e dificuldades. Já os jovens de

classes sociais mais baixas se veem obrigados a escolher ocupações que lhes proporcionem ganhos imediatos, para que possam ter a própria subsistência, e muitas vezes também colaborar com o sustento da família. Esta falta de perspectiva certamente gera sofrimento e pode estimular alguns a apresentartendências antissociais, a partir de experiências de desesperança (WINNICOTT, 1984)

O Brasil apresenta uma realidade social precária, que prejudica o desenvolvimento psicossocial dos jovens. Neste contexto tornou-se necessária a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990), um instrumento jurídico no qual o estado reconhece a necessidade de proteção social específica a crianças e adolescentes. Se por um lado o ECA contribui para a proteção dos jovens, colocá-lo em prática de modo verdadeiramente construtivo é um desafio constante para a sociedade civil brasileira.

OS IDOSOS E AS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS

Embora não tenhamos finalizado uma revisão sistemática da literatura, acreditamos que vigore, nas ciências humanas, uma visão sobre o idoso mais voltada para os problemas dos mais frágeis do que para o reconhecimento de seus potenciais. Tal quadro gera uma impressão de que velhice é sinônimo de problema.

Reconhecemos a relevância das pesquisas recentes que abordam temáticas relacionadas à complexidade e dificuldades do envelhecer. Considerando que a produção do conhecimento científico se justifica, em última instância, pelo que possa contribuir para a solução de problemas humanos, faz grande sentido o incentivo de uma produção que focalize problemas cuja superação desejamos. São assim, indiscutivelmente úteis trabalhos que focalizam condições de fragilidade, doença e incapacidade do idoso, abordando questões tais como as dificuldades de acesso a medicamentos (MOURA; COHN e PINTO, 2012), a planos de saúde (HERNANDES; ELIZABETH et al, 2012) ou sobre o gerenciamento de doenças crônicas (VERAS, 2012). Reconhecemos também a importância de estudos que focalizam as práticas de cuidado dos idosos (MANNA,2013)

Por outro lado, parecem raros trabalhos como o de Bosi (1994) que, em seu livro “Memória e sociedade- lembrança de velhos” abordou a importância da relação entre

avós e netos, reconhecendo que os mais velhos podem trazer contribuições fundamentais do ponto de vista da formação das novas gerações, justamente porque já vivenciaram o auge da idade produtiva e alcançaram uma perspectiva que não se pode ter antes.

O interesse por esse grupo etário crescente e diversificado é relevante, pois se sabe que, devido à queda das taxas de fecundidade e mortalidade, vem ocorrendo um expressivo aumento da expectativa de vida da população brasileira. As previsões estatísticas, segundo as quais o Brasil seria, em 2005, o sexto país do mundo que teria a maior população de idosos, foram cumpridas (WHO, 2005). Sendo assim, várias leis e decretos foram criados, como a Política Nacional do Idoso Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994, regulamentada pelo Decreto n.º 1.948, de 3 de julho de 1996), e a Política Nacional de Saúde do Idoso (Portaria nº 1395, de 10 de dezembro de 1999), com o objetivo de assegurar os direitos dos idosos e promover melhores condições de vida, ou seja, maior autonomia, integração e participação efetiva na sociedade.

Devemos também lembrar que a proposição do Sistema Único de Saúde (SUS) e suas leis complementares, que enfatizam os pilares da universalização, integralidade, descentralização e da participação popular, visaram, em grande parte, beneficiar também a população idosa, compreensivelmente mais sujeita a doenças em virtude do próprio processo de perda de funcionalidades orgânicas. Essas diretrizes políticas são de extrema relevância e mostram, a nosso ver, uma preocupação com a situação do idoso no Brasil, ainda que grandes obstáculos e desafios devam ainda ser enfrentados para que os ideais se tornem efetiva realidade. Afinal, tornar-se idoso numa sociedade em que as desigualdades sociais são profundas certamente agrava experiências de desamparo.

Em muitas sociedades ocidentais, o preconceito etário ocorre nos órgãos governamentais, no mercado de trabalho, na mídia, nas famílias e na vida social, de modo geral. Desenvolvem-se, assim, práticas sociais que tomam a idade como critério para segregação, o que, evidentemente, não contribui para a diminuição de conflitos improdutivos entre as gerações. Ações baseadas em estereótipos agem, claramente, contra o indivíduo.

Por outro lado, devemos considerar que o aumento da longevidade pode favorecer trocas intergeracionais, que certamente caminharão em sentido oposto ao da discriminação etária no país (GOLDANI, 2010). A nosso ver, existe uma realidade que não pode ser esquecida, relativa ao idoso que trabalha para ajudar a família com apoio financeiro, ao idoso que permanece em casa encarregando-se de tarefas domésticas ou eventualmente ajudando na criação dos netos. Na verdade, antes de alcançar uma idade em que o declínio orgânico se acentua marcadamente, muitos idosos estão, de fato, participando ativamente da vida em comum.

Um interessante aspecto da relação intergeracional, que aparece no estudo de Tardivo (2007) sobre os altos índices de suicídio e homicídio entre jovens indígenas aculturados, levou a autora a relacionar este fenômeno com a situação complexa em que os idosos daquela região também estavam vivendo. Utilizando o Procedimento de Desenhos Temáticos, a pesquisadora orientou que um grupo de jovens desenhasse “um jovem de São Gabriel da Cachoeira dos dias de hoje” seguido de associações escritas. Considerando a situação social em que estavam inseridos, na qual os aspectos culturais e antropológicos se perdiam progressivamente, foi possível conhecer um pouco das dificuldades e conflitos entre os jovens e seus familiares, a partir de uma clínica diferenciada. Vários desenhos mostravam bebidas, drogas e cenas de violência, de modo que a pesquisadora constatou que os próprios jovens se posicionavam de modo fundamentalmente crítico sobre si mesmos, como se reproduzissem o que os adultos diziam sobre eles. Muitos adolescentes eram filhos de pais indígenas, mas desprezavam suas raízes culturais, não se vinculando a tradições nem ritos de passagem tradicionais. Esta verdadeira ruptura em relação aos costumes das gerações precedentes acabava por provocar intenso desamparo.

No entender de Tardivo (2007), a sociedade foi incapaz de oferecer aos jovens uma perspectiva satisfatória quanto a seus direitos como cidadãos. A pesquisadora refletiu sobre algumas medidas que poderiam ser transformadoras, considerando que os mais idosos deveriam estar implicados no processo de amadurecimento dos jovens. Entretanto, esta visão logo revelou que o problema em questão apresentava dimensões maiores, já que, naquela região, a geração mais velha vivia em intensa crise de valores

e crenças, desiludidos com a mais nova. Apoiando-se numa perspectiva eriksoniana, Tardivo (2005) afirma que a função dos mais velhos seria apresentarum forte sistema de valores, para que os adolescentes pudessem contestá-los com segurança e, deste modo, serem auxiliados no processo básico de formação de identidade.

Outro interessante estudo, que traz contribuições para a questão das relações intergeracionais, deriva de pesquisa sobre a potencialidade mutativa de oficinas psicoterapêuticas que reuniam, num mesmo atendimento, adolescentes, adultos e idosos. Este enquadre diferenciado configurou-se como uma proposta inovadora, que utilizou cartas, fotos e lembranças como materialidade mediadora para a composição de uma instalação coletiva a ser fotografada em cada sessão (MACHADO, AIELLO-VAISBERG, GIL e TARDIVO, 2003). Neste ambiente terapêutico suficientemente bom, tiveram lugar experiências mutativas marcadas por trocas intergeracionais fecundas.

Considerando que enquadres terapêuticos são ambientes que, apesar de protegidos, inserem-se, inevitavelmente, no contexto social em que ocorrem, os desenvolvimentos que ocorrem em atendimentos podem ser, no nosso ver, compreendidos como indicadores de possibilidades de instauração de novas formas de vínculo entre pessoas e grupos, inclusive entre pessoas que pertencem a diferentes faixas etárias.

OS CONCEITOS DE PRECONCEITO E IMAGINÁRIOS COLETIVOS

A nosso ver, existe, no campo da psicologia, uma tendência, com a qual não concordamos, em pensar o preconceito como um fenômeno psicológico individual. Criticamos esta visão na medida em que contraria os pressupostos de uma psicologia concreta, segundo a qual devemos combater os mitos do homem isolado, natural e abstrato (BLEGER, 1963), para nos aproximarmos maximamente do acontecer humano. Apoiadas nas indicações de Bleger (1963) e Politzer (1928), acreditamos que as condutas preconceituosas não são meras exteriorizações de personalidades autoritárias e conservadoras, mas fenômenos que emergem a partir de campos de sentido afetivo-emocional, de caráter vincular. Tais campos são ambientes humanamente produzidos, fruto de atos de indivíduos e grupos. Tais ambientes, por seu turno, constelam-se em

contextos sociais, políticos, históricos e culturais mais amplos. Assim, vamos, por exemplo, encontrar campos de sentido afetivo-emocional marcados por crenças na inferioridade feminina em certos contextos sociais, políticos e culturais, mas não em outros. Campos configurados pela desvalorização do idoso certamente são mais comuns na sociedade globalizada atual, marcada pelo neoliberalismo, do que em sociedades tradicionais. Como psicólogos, estamos interessados nos campos porque nossa atuação se dá neste nível. Contudo, queremos evitar reducionismos psicológicos, porque certamente conspiram contra movimentos que visam transformações importantes que hoje se apresentam como carecimentos radicais, vale dizer, como exigências éticas no sentido do respeito aos direitos das pessoas (HELLER, 1982).

Os fenômenos do preconceito e da exclusão social, indignos e eticamente inaceitáveis, criam condições provocadoras de importante sofrimento emocional. É óbvio que deste modo podem se configurar situações que demandam providências em termos sociais, políticos e jurídicos. Mas também é verdade que uma sociedade pode resolver certas questões num plano aparente, enquanto o preconceito segue vigente de modo sutil, mas não menos prejudicial e destrutivo. Cabe aqui pensar que a psicologia tem uma contribuição a fazer, segundo linhas de tratamento e prevenção, de psicoterapia e de psicoprofilaxia, que tem como paciente não mais o indivíduo, mas de um campo de sentido afetivo emocional produzido humanamente por condutas, que nutrem e perpetuam preconceitos (BLEGER, 1966). Seguindo o pensamento de Bleger (1963) abordamos o preconceito como conduta, vale dizer, como manifestação humana emergente de campos de sentido afetivo-emocional. Tais manifestações podem ocorrer em diferentes áreas, concretizando-se como fenômenos simbólicos que habitualmente são designados como pensamentos, sentimentos, fantasias, representações ou crenças, como modificações corporais das mais diversas e também como atos, gestos e práticas que podem deixar traços, vestígios e até produtos claramente perceptíveis.

Utilizamos o conceito de imaginário coletivo, considerando que correspondem a condutas, no sentido blegeriano do termo coletivo (AIELLO-VAISBERG, 1999; AIELLO-VAISBERG & MACHADO, 2008). As condutas imaginativas abrangem tanto a imaginação, como atividade psíquica, como a produção de práticas e objetos. Seu estudo psicanalítico privilegia a investigação de determinantes lógico-emocionais

subjacentes, de maneira coerente com a concepção antropológica psicanalítica de um ser humano que não é exclusivamente racional. Nesta linha, ao pesquisar o substrato afetivo-emocional subjacente a condutas imaginativas, visamos produzir conhecimento que possa orientar a proposição de práticas psicoprofiláticas, fundadas na criação de ambientes humanos que favoreçam a sustentação emocional (BLEGER,1966).

Considerando que os estudos de imaginário consistem em abordar o que um grupo imagina sobre outro grupo social, e que até o presente momento os estudos realizados em nosso grupo buscaram conhecer imaginários de grupos que lidam diretamente, e até mesmo institucionalmente com adolescentes, como por exemplo, os professores, achamos interessante focalizar o grupo de idosos, que não teriam responsabilidade socioeducativa formal na convivência com os jovens. Pretendemos utilizar o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, que foi desenvolvido por Aiello-Vaisberg (1999), a partir da proposta psicodiagnóstica idealizada por Trinca (1976), como atividade expressiva. Vamos utiliza-lo como recurso clínico facilitador comunicação emocional, uma vez que favorece a instauração de um campo intersubjetivo especial, de características visivelmente brincantes (MANNA & AIELLO-VAISBERG, 2013). Os desenhos e as histórias produzidas pelos participantes, que serão considerados como narrativas que revelarão o modo como se vinculam imaginativamente aos adolescentes, serão psicanaliticamente considerados em termos da produção de campos de sentido afetivo-emocional, ou inconscientes relativos, conforme o particular modo de operacionalização do método psicanalítico que vem sendo adotado no contexto do Grupo de Pesquisa PUC-Campinas/CNPq Atenção Psicológica Clínica em Instituições: Prevenção e Intervenção, recentemente formalizado por Ambrosio (2013). Esperamos, por esta via, contribuir com a constituição de ambiente sociais suficientemente bons.

REFERÊNCIAS

AIELLO VAISBERG, T. M. J. *Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de psicopatologia*. Tese de livre docência não-publicada, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 1999.

- AIELLO VAISBERG, T. M. J. *Subjetividade e alteridade: considerações sobre os fundamentos de uma clínica grupal na perspectiva Winnicottiana*. *Rev. SPAGESP*, 10 (1), 2009.
- AIELLO VAISBERG, T. M. J.; MACHADO, M. C. L. Pesquisa psicanalítica de imaginários coletivos à luz da Teoria dos Campos. In: MONZANI, J; MONZANI, L. *Olhar:Fabio Hermann - Uma ViagemPsicanalítica*. São Paulo: Ed. Pedro e João Editores/CECH – UFSCar, p. 311-324, 2008.
- AIELLO VAISBERG, T. M. J.; [MACHADO, M. C. L.](#) ; AYOUCHE, T.; CARON, R.; BEAUNE, D. Les récits transferenciels comme presentation du vécu clinique:une proposition méthodologique. In: BEAUNE, D (Org.). *Psychanalyse, Philosophie, Art: Dialogues*. 1 ed. Paris: L'Harmattan, v. 1, p. 39-52, 2009.
- AMBROSIO, F.F. O estilo clínico Ser e Fazer na investigação de benefícios clínicos de psicoterapias. Tese de Doutorado. Campinas, PUC-Campinas, 2013.
- BARRETO, M.A.M. *Do vôo preciso: considerando o imaginário coletivo de adolescentes*. 196 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP, 2006.
- BARRIENTOS, D. S.; MIURA, P. O.; GEMMA, M.; ALMEIDA-SILVA, B.; TARDIVO, L. S. L. P. C. Graves victimas de la violencia domestica: un desafio para lo adolescente. *Revista Enfermería Herediana*, v. 5, p. 125-132, 2012.
- BARRIENTOS, D. S.; MIURA, P. O.; GEMMA, M.; SILVA, B. A.; TARDIVO, L. S. L. P. C. Compreendendo a gravidez na adolescência e as situações de violência intrafamiliar. *Indagatio Didactica*, v. 5, p. 393-406, 2013.
- BARUS-MICHEL, J. *Entre sofrimento e violência: a produção social da adolescência*. In: Anais do Simpósio Internacional do Adolescente, São Paulo, 2005. USP. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000082005000100018&lng=en&nrm=iso. Acessado em: 01 abr 2009.
- BLEGER, J. *Psicologia da conduta*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.
- BLEGER, J. *Psicohigiene y Psicologia Institucional*. Buenos Aires: Paidós, 1966.
- BRASIL. Conselho Nacional do Idoso. Política Nacional do Idoso. *Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994*. Brasília: Conselho Nacional do Idoso, 1994. Dispõe sobre a
-

política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências.

BRASIL. Ministério da Previdência e Assistência Social. Política Nacional do Idoso. *Decreto nº. 1.948, de 3 de julho de 1996*. Brasília: Ministério da Previdência e Assistência Social, 1996. Regulamenta a Lei nº 8. 842, de 4 de janeiro de 1994, que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, e dá outras providências.

BRASIL. Política Nacional de Saúde do Idoso: *Portaria nº. 1.395, de 10 de dezembro de 1999*. Brasília: Conselho Nacional do Idoso, 1999. Aprova a Política Nacional de Saúde do Idoso.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Projeto Promoção da Saúde. *As cartas da promoção da Saúde*. Brasília: Ministério da Saúde, 2002. (Série: B. Textos Básicos em Saúde). Disponível em: <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cartas_](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cartas_promocao.pdf)

[promocao.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cartas_promocao.pdf)>. Acess 15 maio 2010.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

CAMINHA, N.de O. et al. Gestação na adolescência: descrição e análise da assistência recebida. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 33(3), p.81-88, 2012.

CABREIRA, J. C. et al. *Incompreensão, vazio e oposição pueril: o imaginário coletivo de adolescentes sobre a adolescência no mundo atual*. In: Jornada Internacional de Pesquisa em Psicanálise e Fenomenologia 1. Campinas: PUCCAMP, 2007. Disponível em: <http://serefazer.psc.br/wp-content/uploads/2012/10/Texto-I-Jornada-Psicanalise-e-Fenomenologia.pdf>. Acess 27 de set de 2013.

CABREIRA, J. C.; et al. * dio e discriminação contra "emos": um estudo sobre o imaginário coletivo de adolescentes*. In: Jornada sobre a crianç a e o adolescente 2. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007. serefazer.pcs.br. Disponível em:

<http://serefazer.psc.br/wp-content/uploads/2012/10/Texto-Simposio->

[NPCR.pdf](#). Acessado em 27 de setembro de 2013.

CAMPS, C.I.C. de M.A *hora do beijo: teatro espontâneo com adolescentes numa perspectiva winnicottiana*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

CAMPS, C.I.C.M. *Ser e fazer na escolha profissional: atendimento diferenciado na clínica winnicottiana*". 213f. Tese de doutorado defendida no Instituto de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo, 2009.

COSTA, A. G. et al. *Drogas em áreas de risco: o que dizem os jovens*. *Physis*, 22(2), p.803-819, 2012.

CUNHA, C. de F. e LIMA, N. L. Uma delicada transição: adolescência, anorexia e escrita. *Revista latinoamericana de psicopatologia fundamental*, 15, (4) p.798-811, 2012.

FLOREZANOU, R.; CARCERES, E. C.; VALDÉS, M. C.; CALDERÓN, S. S.; SANTANDER, S. R.; CASSASUS, M. e ASPILLAGA, C. Comparación de frecuencia de conductas de riesgo, problemas juveniles y estilos de crianza, em estudantes adolescentes de tres ciudades chilenas. *Cuaderno Medico Sociale*, 50 (2), 115-123, 2010.

GARCÍA DEL CASTILLO J. A., DIAS, P C. e CASTELAR-PERIM, P. Autorregulação e consumo de substâncias na adolescência. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 25 (2), p.238-247, 2012.

GOLDANI, A. M. Desafios do "preconceito etário" no Brasil. *Educação e Sociedade*, Campinas, 31 (111), 2010.

GONZAGA, A. P. Anorexia: a failure in the work of melancholia. *Revista latinoamericana de psicopatologia fundamental*, 15 (3), p.649-656, 2012.

GUILLÉN, R. R. e NASCIMENTO, L. C. Consumo de drogas em los jóvenes de La ciudad de Guayquil, Ecuador. *Revista Latino Americana de Enfermagem* 18, 598-605, 2010.

HELLER, A. *Para mudar a vida*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo, Brasiliense, 1982.

- HERNANDES, E. S. C. et al. Idosos com e sem plano de saúde e características socioepidemiológicas associadas. *Revista Saúde Pública*, São Paulo, v.46 n.6, dez, 2012.
- KLEIN, A. Adolescents without adolescence: Reflections on adolescents formation of subjectivity and their families in a Neoliberal context. *The Spanish Journal of Psychology*, 11(2), 464-479, 2008.
- MACHADO, M.C. L., AIELLO-VAISBERG, T.M.J., GIL, C.A., e TARDIVO, L.C. Oficina Psicoterapêutica De Cartas, Fotografias e Lembranças: Uma Experiência Dramática. *In Cadernos Ser e Fazer: Apresentação e Materialidade. IPUSP*, 2003.
- MANNA, R.E. O imaginário coletivo de cuidadores de idosos na saúde pública: um estudo psicanalítico. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2013.
- MANNA, R. E.; AIELLO-VAISBERG, T.M.J. Rabisco-Brincadeira: Por uma Clínica Psicanalítica da Transicionalidade. *Rabisco Revista de Psicanálise*, 3, 87-93, 2013.
- MARTY, F. Adolescência, violência e sociedade. *Ágora*, Rio Janeiro, UFRJ, 9 (1), p.119-131, 2006.
- MENCARELLI, V.L.; BASTIDAS, L. S.; AIELLO-VAISBERG, T.M.J. A difícil notícia do diagnóstico da síndrome de imunodeficiência adquirida para jovens: considerações psicanalíticas com base na perspectiva winnicottiana. *Psicologia Teoria e Prática*, 10 (2), p. 106-120, 2008.
- MINHOTO, M.; AMBROSIO, F.F.; AIELLO-VAISBERG, T.M.J. O imaginário de adolescentes sobre alcoolismo: um estudo psicanalítico comoprocimento Desenhos- Estórias com Tema, Encontro, 2007.
- MONTEZI, A. V.; et al. Imaginário coletivo de professores sobre o adolescente contemporâneo. *Psicologia em Estudo*, 16(2), 299-305, 2011.
- MONTEZI, A.V.; et al. Linha de Passe: adolescência e imaginário em um filme brasileiro. *Psicologia em Revista*, 19 (1), p. 74-88, 2013.
- MOURA, B. V.; COHN, A.; PINTO, R. M. F. Farmácia: a porta de entrada para o acesso a medicamentos para idosos residentes em Santos. *Saúde e Sociedade*. São Paulo, 2012. v. 21, n. 2, jun. Disponível em
-

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902012000200013&lng=pt&nrm=iso. Acessado em 10 out. 2013.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902012000200013>.

OGIDO, R. e SCHOR, N.A jovem mãe e o mercado de trabalho. *Saúde e Sociedade*, 21(4), p.1044-1055, 2012.

PARIZ, J. MENGARDA, C. F. e FRIZZO, G. B. A atenção e o cuidado à gravidez na adolescência nos âmbitos familiar, político e na sociedade: uma revisão da literatura. *Saúde e Sociedade*, 21(3), p.623-636, 2012.

PENNA, L. H. G. et al. A maternidade no contexto de abrigamento: concepções das adolescentes abrigadas. *Revista Escola de Enfermagem da USP*. 46(3), p.544-548, 2012.

PRATTA, E. M. M. e SANTOS, M. A. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia em Estudo*, 12 (2), 247-256, 2007.

PONTES, M.L.S.A *hora H: o imaginário coletivo de profissionais da saúde mental sobre adolescência*. Dissertação de mestrado defendida no Centro de Ciências da vida da PUC-Campinas, 2011.

[PONTES, M. L. S.](#); CABRERA, J. C.; FERREIRA, M. C.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Adoção e Exclusão Insidiosa: O Imaginário de Professores sobre a Criança Adotiva. *Psicologia em Estudo*, v. 13, p. 495-502, 2008.

RESENDE, T. F. Crianças e informação: papéis da família e da escola. *Educação & Realidade*, 31(2), p. 171-188, 2006.

SALLES, L. M. F. Infância e adolescência contemporânea: alguns apontamentos. *Estudos de Psicologia*, 22 (1), p. 33-41, 2005.

TACHIBANA, M.; AIELLO-VAISBERG, T.M.J. Desenhos-Estórias em encontros terapêuticos na clínica da maternidade. *Mudanças*, 15 (1), p. 23-31, 2008.

TARDIVO, L.S.L.P.C. *O adolescente e o sofrimento emocional nos dias de hoje*. Livre Docência. Instituto de Psicologia da USP, 2004.

TARDIVO, L.S.L.P.C. O encontro com o jovem em São Gabriel da Cachoeira - em busca de uma clínica diferenciada. *Simpósio Internacional do Adolescente*, 2005.
Disponível em

<http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000082005000100031&lng=en&nrm=abn>. Acess on: 08 Oct. 2013.

TARDIVO, L. S. L.P.C. Sofrimento, desenraizamento e exclusão: relato de uma experiência com indígenas aculturados do Amazonas. *Psicólogo informação*, 11 (11), p. 113-126, 2007.

TARDIVO, L. S. L. P. C.; PINTO JUNIOR, A.A. Inventário de frases no diagnóstico de crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica, estudo de validade e padronização. *Psicologia, Saúde & Doenças*, v. 9, p. 20, 2008.

TARDIVO, L. S. L. P. C. *O Adolescente e Sofrimento Emocional nos Dias de Hoje*. São Paulo: Vetor Editora Psico-Pedagógica, v. 1. 172, 2007.

TARDIVO, L. S. L. P. C. Identificação e Efeitos da Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes: Validação de um Inventário de Frases. *Revista Iberoamericana de Salud y Ciudadanía*, v. 2, p. 160-192, 2013.

WINNICOTT, D. W. *Privação e delinquência*. Trad. de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WINNICOTT, D.W. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto AlegreRS: Artmed Editora S.A, 1983. (original publicado em 1965)

WINNICOTT, D.W. Deduções a partir de uma entrevista terapêutica com uma adolescente. In Winnicott, C., Shepherd, R. & Davis, M. (Orgs.), *Explorações psicanalíticas D.W. Winnicott* (J.O. de A. Abreu, Trad.). Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1964.

WINNICOTT, D.W. O jogo do rabisco. In Winnicott, C., Shepherd, R. & Davis, M. (Orgs.), *Explorações psicanalíticas D.W. Winnicott* (J.O. de A. Abreu, Trad.). Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1968.

VERAS, R. P. Gerenciamento de doença crônica: equívoco para o grupo etário dos idosos. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 46, n. 6, dezembro, 2012. Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102012000600001&lng=pt&nrm=iso>. Acess 10 out. 2013.

<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102012000600001>.